

Um pouco de História Militar

Pelo

Cap. Newton Franklin do Nascimento

Muitas e muitas vezes ouve-se afirmar que os fenômenos da guerra se revestem de tal natureza, são tão complexos em seus elementos materiais, intelectuais e morais, que é difícil formar a respeito dêles um juízo exato, pois se prestam a interpretações infindas, nas quais até o erro permanece imperceptível. (1)

A guerra, para A. BERNARD, não é apenas mero conflito, cujos fins consistem na destruição ou captura das forças armadas adversas, de seus meios de combate e de seus recursos econômicos e humanos. Acima de tudo, ela é **integral**, não só pela extensão das frentes em que atua, isto nas três dimensões, mas também pela utilização de todos os recursos e riquezas das nações que dela participam.

PAUL VALERY, em sugestivo livro — **Régards sur le Monde Actuel** — afirma que o problema da guerra apresenta grande transcendência, cuja dificuldade maior reside em determinar-lhe com exatidão os **dados atuais**.

“De nada adiantaria para resolvê-los, diz êle, em transportar-nos aos acontecimentos passados. Todo acontecimento histórico, no qual a técnica e os engenhos representam qualquer papel, não pôde servir de modelo ou exemplo ao que se lhe segue”.

Porém, se não servem realmente de modelo, êsses acontecimentos servem de advertência, sobretudo para evitar a reprodução de erros ou descuidos similares no futuro.

Nesse particular, o fenômeno de preparação para a guerra enquadra-se perfeitamente no conceito abaixo, expendido não faz muito por S. Excia., o Snr. Presidente da República, quando das últimas manobras da 5.^a R. M.:

(1) Vide J. COLIN — “Les Transformations de la Guerre”.

"É indispensável estarmos preparados para tudo e aptos a fazer face, com ampla experiência, às exigências dos processos de defesa, quaisquer que sejam o teatro e as formas de operações. Na preparação e execução dos temas estratégicos não nos devemos limitar ao estudo dos chamados teatros e métodos históricos. Os fatos não se reproduzem em série e as soluções previstas, aparentemente lógicas, não o são na prática ou deixaram de ser, pelas contingências de tempo e espaço".

No tocante ao problema de preparação para a guerra, nossa história militar é cheia de curiosos exemplos. Algumas vezes devidamente preparados, outras colhidos de improviso, tivemos sempre os frutos da providência ou as sanções dos descuidos praticados.

As campanhas que teve nosso país de enfrentar após a proclamação da independência, custaram-nos muito. Suas causas cingiram-se primeiro à ambicionada posse do estuário do RIO PRATA e mais tarde quando isso não era mais possível, à livre navegação do mencionado rio.

Quando o velho PORTUGAL, em setembro de 1680, fundou à margem esquerda do PRATA, nas barbas de BUENOS AIRES, a celeberrima COLÔNIA DO SACRAMENTO, que se transformou daí por diante em **base de partida** de todos os conflitos entre portugueses e castelhanos domiciliados na AMÉRICA DO SUL, razões muito fortes houve para isso.

Já de posse do AMAZONAS, a corôa portuguesa sonhava com a do PRATA, para completar assim o ciclo hidrográfico de toda a AMÉRICA LATINA.

Essa ousadia custou-nos caro e só veio terminar muito mais tarde, após anos a fio de cruentas lutas.

O desfecho da secular questão culminou na guerra contra o PARAGUAI, em que fomos colhidos de surpresa pela sanha agressiva do ditador da predestinada nação mediterrânea, tanto no terreno político como no militar.

Desferido o golpe por LOPES, as medidas tomadas por nós cingiram-se grande parte aos imperativos do momento.

Ao que parece, diante da imprevidência reinante, a perplexidade foi geral. Como não havia órgãos militares devidamente aparelhados para orientarem os homens do governo, o ministro da guerra, ante o clamor de providências reclamadas de todos os lados, ficou, como se diz hoje na gíria, **abafado**. Para não ficar de todo inerte, lembrou-se de baixar um aviso reservado, a 20 de janeiro de 1865, no qual solicitava sugestões aos generais em serviço na Côrte, para ajudá-lo a enfrentar o problema cuja solução fôra deixada de lado no tempo de paz.

As respostas ao citado aviso variaram ao gôsto de cada um.

Os originais destas respostas tivemos-los em mãos e foram êles que nos sugeriram estas rápidas considerações. Muito prolixas, pouco ou quasi nada adiantaram, salvo as de CA-XIAS, que merecem ainda hoje profunda veneração.

O glorioso cabo de guerra desempenhava então importante tarefa na Capital do Império. Sua resposta não tardou. A 25 de janeiro, cinco dias depois de baixado o aviso, o general HENRIQUE DE BEAUREPAIRE ROHAN recebia a resposta do invicto marechal.

Em linhas gerais, o plano de operações proposto por CA-XIAS pode ser resumido no seguinte:

1.º — Invasão do PARAGUAI em três colunas:

- a primeira pelo PASSO DA PÁTRIA, devendo marchar pelo eixo mais próximo e paralelo ao RIO PARAGUAI, na direção HUMAITÁ-AS-SUNÇÃO;
- a segunda, marcharia por MATO GROSSO, na direção MIRANDA-APA, obrigando assim o inimigo a distrair forças de sua base de operações, o que viria facilitar a entrada da coluna principal por HUMAITÁ;
- a terceira, operaria por S. COSME-ITAPÚA (ou S. CARLOS), para impedir que o inimigo pudesse cortar a retirada da coluna principal pelo PASSO DA PÁTRIA em caso de revés em HU-

MAITA', bem como para evitar que convergissem tôdas as fôrças sôbre essa região, quando atacado pelas nossas tropas.

- 2.º — A esquadra operaria em estreita ligação com a coluna principal, devendo para isso subir o RIO PARAGUAI e forçar todos os obstáculos que se opuzessem à progressão daquela coluna em sua marcha sôbre ASSUNÇÃO.

Havia naquele tempo uma certa corrente de opiniões (vide a obra sôbre CAXIAS do venerável PADRE PINTO DE CAMPOS), que opinava fosse feito o esforço principal da invasão através do território de MATO GROSSO, sem pressentirem seus adeptos a sorte que teve mais tarde a expedição da LAGUNA.

A única porta utilizável era, como de fato o foi, a do RIO DA PRATA, a que muitos chamaram "Rio do Ouro", pelas grandes somas que por ela canalizámos para a ARGENTINA. E, na realidade, a invasão não poderia ser feita doutra forma. As contingências do momento a isso nos obrigaram.

Infelizmente, o plano de operações apresentado por CAXIAS ao ministro da guerra não poudé ser cumprido. E, dentre outros êrros então cometidos, ressalta o de não ter sido encarregado CAXIAS de pô-lo em execução, tudo por causa de uma simples questão de política interna.

Embora seja o incidente por demais conhecido, não será fora de propósito recordá-lo, a título de advertência.

No dia em que embarcava para o sul o primeiro contingente de tropas organizadas na Capital do Império, estando a bordo do navio que devia levá-las o Imperador e todo o Ministério reunido, o general BEAUREPAIRE ROHAN comunicou a CAXIAS que o govêrno havia resolvido sua partida para o RIO GRANDE DO SUL, com a missão de organizar nosso exército e dirigi-lo na campanha contra LOPES.

Em audiência posterior com o ministro da guerra, CAXIAS fez-lhe vêr que só poderia assumir o comando do Exército a organizar-se, cumulativamente com o cargo de presi-

dente da PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL e isso por um motivo muito simples. Sendo a guarda nacional a força principal daquela província, CAXIAS só poderia lançar mão da referida guarda com o consentimento do presidente da província, a quem estava subordinada aquela guarda, em virtude dos dispositivos legais então em vigor: Ora, como muito bem pensava CAXIAS, esse aspecto da questão poderia crear-lhe entraves sérios que viriam dificultar, senão mesmo impossibilitar a organização de nosso exército.

No dia seguinte, o ministro BEAUREPAIRE ROHAN mandou chamar CAXIAS a seu gabinete e disse-lhe textualmente: "Senhor marquez, o que ontem assentámos não pôde ter lugar; não sou mais ministro. Propuz aos meus colegas o nome de V. Excia., nos termos que havíamos combinado; todos foram unânimes que V. Excia. fosse nomeado comandante em chefe, mas não presidente da província, por que essa última nomeação iria prejudicar a política do partido".

O erro capital que mais contribuiu para o prolongamento da campanha por longos cinco anos, foi a completa falta de preparação militar e política em que nos colheu a brutal agressão de SOLANO LOPES.

A-pesar da superioridade de nossa população que orçava naquela época em dez milhões de habitantes, não obstante nossos maiores recursos econômicos e nossa supremacia naval, exercida durante tôda a luta, estávamos completamente deprevenidos para enfrentar a guerra.

Além do desconhecimento do teatro de operações e grande distância em que esse teatro se encontrava, não havia sistema de recrutamento que permitisse a organização de reservas.

Não fosse a distância que separava o exército paraguaio de seus centros de reabastecimentos; não fossem os desertos, os rios, as florestas, os pântanos e nossa superioridade naval, por certo não teríamos obtido o tempo e o espaço necessários para organizar efetivos, assentar as medidas econômicas e diplomáticas que nos permitiram, num inaudito e prolongado esforço, subjugar a sanha agressiva do ditador paraguaio.

Para não ir mais longe, basta apenas frisar que o efetivo orçamentário de nosso exército, no exercício financeiro de 1864/1865, estipulava apenas dezoito mil homens em circunstâncias ordinárias e vinte e quatro mil homens em circunstâncias extraordinárias. Nossas forças espalhadas em todo o território, não ultrapassavam de dezesseis mil homens, enquanto setenta mil paraguaios e quatrocentas bocas de fogo já aguardavam cegamente a palavra de ordem do ditador, para se lançarem contra o nosso país. Durante o ano de 1865, SOLANO LOPES elevou a cem mil homens o efetivo de seu exército, dotando-o de todos os meios suficientes para a campanha a que o arrastou seu obstinado orgulho.

Em matéria de imprevidência, não se conhece exemplo mais frisante em nossa história, além do que acima acabámos de apontar. No entanto, nada justificava essa falta de previsão de nosso governo. O estado de nossas relações com o PARAGUAI no tocante ao problema de limites e navegação do rio PARANA-PARAGUAI e também o crescente rearmamento da pequena nação mediterrânea, tudo isso não era desconhecido e devia ter induzido nosso governo a precaver-se e a preparar-se. (2)

(2) Genserico de Vasconcellos — "A guerra do Paraguai no teatro de Mato Grosso.



INDUSTRIA BRASILEIRA

EXIJA
AZUL ULTRAMAR
XADREZ
QUALIDADE PURA E
GARANTIDA